



DOI: 10.20396/urbana.v10i3.8651542

OLHARES SOBRE A CAPITAL QUINQUAGENÁRIA

BRASÍLIA NA PERSPECTIVA DA REVISTA TRAÇOS E DA SÉRIE DISTRITO CULTURAL

LOOKING ON THE QUINQUAGENARIAN CAPITAL

BRASÍLIA ON A TRAÇOS MAGAZINE AND DISTRITO CULTURAL SERIE'S PERSPECTIVE

Angélica Peixoto de Paiva Freitas
Universidade de Brasília - UnB
angelica.peixoto@yahoo.com.br

Resumo

É nos pormenores do cotidiano que os brasilienses reinventam a cidade que habitam. A capital pensada pelo arquiteto ganha, assim, novas funcionalidades e texturas, torna-se mais humanizada, expressão dos anseios daqueles que nela vivem. Por meio da cobertura jornalística cultural, a revista *Traços* e a série *Distrito Cultural* lançam suas perspectivas sobre a Brasília vivenciada, transformada nos detalhes. Além do estereótipo burocrático de centro do poder político, revista e série dedicam-se a mostrar uma nova Brasília que nasce, desta vez, da espontaneidade de seu povo.

Palavras-chave

Brasília. Traços. Distrito Cultural. Culturas Urbanas.

Abstract

It is on the minuteness of everyday life that brasilienses reinvent the city they live in. The architect designed capital acquires new functionalities and textures, becoming more human and being an expression of the aspirations of those who live in it. Through the cultural media coverage, Traços Magazine and Distrito Cultural series lay their perspectives over the experienced Brasília transmuted into its details. Besides the bureaucratic stereotype of being



DOI: 10.20396/urbana.v10i3.8651542

center of the political power, magazine and serie dedicated themselves to show a new Brasília that is reborn over it's people spontaneity.

Keywords

Brasília. Traços. Distrito Cultural. Urban Cultures.

1. Contexto

Com o sinal da cruz, o projeto de Lucio Costa estabeleceu o encontro dos Eixos Monumental e Rodoviário no cerrado do Planalto Central. O urbanista não contava, porém, com as trilhas tortuosas que a autonomia dos caminhantes abriria nos gramados de Brasília. Na capital pensada para a fluidez do tráfego automotivo, passagens subterrâneas permitem a travessia de pedestres entre as quadras 100 e 200, mas também passos de dança¹ que se desenvolvem em outra cadência que não a alta velocidade dos carros nos Eixinhos e Eixão. Gradualmente, a brancura da cidade-monumento-patrimônio também começa a contrastar com as cores, formas e texturas de composições urbanas² que se espalham por paredes e espaços inusitados. Sutilezas cotidianas que agregam novas funcionalidades a equipamentos públicos, flexionam as lógicas delimitadas pelo traçado original e sugerem o questionamento: estaria Brasília se estabelecendo, definitivamente, como “produto de muitos construtores”? (LYNCH, 1997, p. 12).

A partir de premissas do método indutivo, a pesquisa exploratória e qualitativa deste artigo adota a técnica da Análise do Discurso de linha francesa na tentativa de compreender como funcionam e significam os textos³ que a revista Traços e a série Distrito Cultural – dois produtos jornalísticos locais, hodiernos e culturais – apresentam para retratar a cidade de Brasília aos 55 anos. Ao debruçar-se sobre o recorte das 12 primeiras edições mensais da revista (publicadas de novembro de 2015 a outubro de 2016) e da primeira temporada do programa televisivo (sete episódios semanais exibidos entre 07/11/2015 e 26/12/2015), este trabalho parte da hipótese de que ambos veículos definem-se editorialmente pelo esforço de

¹ O projeto Forró de Vitrola Pé de Passagem é realizado anualmente pelo músico e produtor Cacai Nunes na passagem subterrânea da 111/211 Norte. O baile dominical começa no final da tarde e é gratuito.

² Entendidas aqui como as diferentes possibilidades de expressões artísticas que agregariam à estrutura da urbe, compondo com ela e denotando pertencimento dos indivíduos a esse espaço, na condição de artistas do cotidiano. Tais composições, portanto, não seriam consideradas interferências, no sentido de ferirem a cidade. Dada a visão de que: “Compor não é harmonizar espaços, tampouco desarticulá-los. Compor é, antes de tudo, aproximar, isto é, avizinhar-se a algo num processo de relações. [...] Somos errantes enquanto compomos com a ambiência de cada um” (AZAMBUJA, 2015, p. 19).

³ Entendidos aqui como qualquer tipo de discurso – inclusive cenas, trilhas sonoras, fotografias, ilustrações etc. – e não somente linguagens verbais e escritas.



DOI: 10.20396/urbana.v10i3.8651542

ressignificar a urbe, ou seja, de atribuir-lhe sentidos e percepções afetivamente favoráveis em contraponto aos recorrentes clichês de “artificialidade” e de “centro da corrupção política nacional”. Delinear tal espectro objetiva explicitar a suposta transformação no perfil da cidade que os jornalísticos em questão querem fazer crer.

Fato é que a capital nasceu do autoritarismo de um urbanismo racionalista cuja “participação criativa na configuração da cidade” se reduziu a “poucos supostos detentores do Saber” (BICCA, 2012, p. 214). Porém, segundo [Rykwert](#) (2004, p.348), é a “constante participação e envolvimento da comunidade” que molda os centros urbanos e lhes dá forma física, “ainda que sutilmente, com nossas atividades diárias” (RYKWERT, 2004, p. 12). Mesmo fenômeno que [Lynch](#) (1997, p. 12) descreve como “constante mudança no pormenor” das cidades. Ou, como afirma [Martin-Barbero](#) (2007):

[...] o que verdadeiramente molda uma cidade não é a arquitetura nem a engenharia, mas os cidadãos comuns; contudo, para que isso seja possível, os cidadãos precisam se reconhecer na cidade; e ambos os processos baseiam-se em outro: o de tornar a cidade visível como um todo, como espaço/projeto/tarefa de todos. (MARTIN-BARBERO, 2007, p. 33)

Para [Medeiros e Campos](#) (2010), Brasília já teria experimentado sucessivas fases: projetada, construída, tombada e vivenciada. Quinquagenária, a capital desmistifica-se da aura ufanista de perfeição. Evidencia que sua concepção não foi suficiente para materializar um Brasil novo, justo e moderno. Que não rompeu de vez com as referências de cidades improvisadas, reféns do crescimento desordenado, da especulação territorial da iniciativa privada e da precarização das condições de vida. A Brasília prometida e sonhada, apesar de todo o planejamento, não escapou de problemas crônicos característicos dos grandes centros do país: desigualdade social, superpopulação, violência, debilidade de serviços públicos, desemprego, favelização do entorno e outros.

Essas questões ressaltam que a cidade estabeleceu-se a partir de conflitos e contradições, com os quais os brasilienses lidam no dia a dia. E, já que “Brasília é o que deixou de ser” (RIBEIRO, 2010, p. 240), restaria aos seus moradores buscar um relacionamento mais íntimo com o lugar que habitam, adaptá-lo às suas necessidades, multidimensioná-lo além da redoma do poder político, conviver com seus problemas e usufruir de suas potencialidades.

É aí que, de acordo com Traços e Distrito Cultural, despontariam novas formas de organização social. Talentos e manifestações espontâneas que – por meio da música, do teatro, do cinema, da literatura, da performance, do folclore, das artes visuais, do esporte e da coletividade – sugeririam possibilidades de afeto entre pessoas e com a urbe em si. Possíveis



DOI: 10.20396/urbana.v10i3.8651542

subterfúgios para se “driblar a cidade burocrática, feita de artificialismo nato” (SÁ, 2010, p. 139).

Outra vertente desse fenômeno estaria se revelando também na multiplicação de projetos de negócios⁴ que exploram o orgulho e o amor pela cidade. Sob a ótica da economia criativa⁵, símbolos, personagens e manifestações tipicamente locais são aplicados ao vestuário, à ornamentação das casas, aos hábitos de consumo e às atividades de lazer do brasiliense.

A cidade, que por muito tempo recebeu receitas prontas, começa a criar suas próprias fórmulas. Cresce a vontade de fazer história com uma nova visão, que não é puramente política nem urbanista, mas mais criativa e livre como os movimentos comportamentais e o tecido urbano o são. (DANTAS, 2015, p. 13)

No campo jornalístico, Traços e Distrito Cultural oferecem, aos respectivos públicos, elementos com os quais se identifiquem com a cidade e dela se orgulhem. Atêm-se a esse suposto movimento de renovação e ressignificação de Brasília e propõem, pelo viés da cobertura artística e cultural⁶, representações de uma capital humanizada e ocupada por seus moradores. Colocam-se, portanto, como ferramentas de construções coletivas simbólicas (WOLF, 2008), “elementos ativos da estrutura social”, conforme Temer e Nery (2004, p.102).

Revista e série não se dedicam diretamente à tradicional vertente crítica, analítica e valorativa de obras de arte, como propunha, originalmente, o jornalismo cultural. Segundo Piza (2009, p. 45), essa imprensa deveria “influir sobre os critérios de escolha” do público, com destaque para “o dever do senso crítico, da avaliação de cada obra cultural e das tendências que o mercado valoriza por seus interesses”. Traços e Distrito Cultural, porém, aproximam-se mais dos preceitos da Teoria do Agendamento (*Agenda Setting*)⁷. Ou seja, não se trata, necessariamente, de dizer às pessoas como pensar, mas “sobre quais temas pensar

⁴ Exemplo disso estaria nas camisetas do Verdurão (loja localizada no Setor de Diversões Sul e especializada em camisetas com temáticas de Brasília); nas reproduções decorativas das placas de trânsito feitas pela BSB Memo (loja de souvenirs inspirados na cidade, localizada na CLN 303); nas aplicações de obras de Athos Bulcão a canecas, bijuterias, cadeiras, lápis e até sombrinhas (Fundação Athos Bulcão, CLS 404); nos passeios temáticos do Experimente Brasília (projeto de passeios orientados por pontos temáticos da cidade); entre outras iniciativas, como a própria revista Traços e a série Distrito Cultural.

⁵ Economia da cultura ou economia criativa é a aplicação da lógica e da metodologia econômicas para o setor cultural, a fim de ressaltar-lhe o valor econômico. Disponível em: <<http://www.itaucultural.org.br/obsglossario/economia-da-cultura/>>. Acesso em: 29 mai. 2016.

⁶ O conceito de cultura, neste trabalho, baseia-se em duas acepções adotadas por Stuart Hall (2016). A primeira, de vertente antropológica, se refere ao “modo de vida” de um povo, de uma comunidade, de uma nação ou de um grupo social” (HALL, 2016, p. 19). A segunda, de ênfase mais sociológica, define os “valores compartilhados” de um grupo ou de uma sociedade” (HALL, 2016, p. 19).

⁷ Processo de influência dos mass media sobre aquilo que é necessário à audiência discutir e ter opinião.



DOI: 10.20396/urbana.v10i3.8651542

alguma coisa" (COHEN, 1963, p. 13, apud WOLF, 2008, p. 144). É nesse sentido que ambas somam possibilidades de reflexão sobre um período específico de Brasília.

2. Traços e Distrito Cultural: o que são?

A revista Traços e a série Distrito Cultural surgem, concomitante e autonomamente, em 2015, ano em que a cidade completou 55 anos. Sincronia que indica quantidade e variedade de pautas locais para subsidiar a periodicidade de ambos os jornalísticos, bem como a existência de um público consumidor interessado por narrativas que abranjam produções artísticas e culturais, lugares, personagens e histórias de Brasília.

A revista é mensal, financiada pela Lei de Incentivo à Cultura do DF⁸ e vendida nas ruas do Plano Piloto e de algumas Regiões Administrativas (RAs) pelos chamados Porta-Vozes da Cultura (pessoas em situação de rua). Os exemplares eram inicialmente vendidos a R\$ 5, dos quais R\$ 4 ficavam para o sustento do vendedor. A partir da 21ª edição, em dezembro de 2017, o preço de capa pulou para R\$ 10 e os Porta-Vozes passaram a receber R\$ 7 por unidade comercializada. Não há versão digital, assinatura nem disponibilização em bancas.

Cada edição tem até 80 páginas, tiragem de 10 mil exemplares e estampa o Código de Conduta que baliza valores éticos e morais do trabalho dos vendedores. Eles não podem, por exemplo, estar alcoolizados ou drogados, acompanhados por crianças nem pedir qualquer tipo de doação ao público. Esse formato corresponde ao modelo internacional de street papers, ou seja, de publicações vendidas e, algumas vezes, até produzidas por pessoas em situação de rua. Funciona como mecanismo de reinclusão econômica e social, "ferramenta-chave na promoção da cidadania de pessoas marginalizadas" (ROZENDO, 2011, p. 7).

Traços é estruturada em seções fixas, com espaço para perfil dos Porta-Vozes; divulgação de bandas brasilienses e de composições de músicos da cidade; ensaios fotográficos e literários; entrevistas com produtores e artistas locais; reportagens culturais em profundidade; registros de grafites; sugestões de livros, músicas e filmes. Sua concepção gráfica dialoga com as origens da publicação: "ela nasceu da rua, é vendida na rua, por pessoas da rua. Então tudo, desde a escolha de fontes scripts para os títulos, os letterings feitos à mão, as ilustrações e as locações das fotos tinham direta inspiração no espírito urbano e na arte de rua" (PORTO; JÚNIOR; CRUZEIRO, 2017, p. 526). Até maio de 2018, haviam sido publicados 26 números da revista.

⁸ Lei nº 5.021, de 22 de janeiro de 2013. Disponível em: <<http://www.fac.df.gov.br/wp-content/uploads/LEI-N%C2%BA-5021-13-compilada.pdf>>. Acesso em: 05 out. 2017.



Figura 1: Capa do primeiro número da revista Traços. Inspiração gráfica na arte urbana.

Fonte: Traços nov. 2015.



Figura 2: Destaque para apropriação cultural da arquitetura modernista e de equipamentos urbanos.

Fonte: Traços nº 9, p. 46-47. Foto: Bento Viana.



Figura 3: Estratégia discursiva da revista associa imagem de ícones de Brasília: monumento (Catedral Metropolitana N. Sra Aparecida), natureza (céu) e personalidade de destaque (cantora Ellen Oléria).

Fonte: Traços nº 7, p. 18-19. Foto: Bento Viana.

A série, por sua vez, foi viabilizada por recursos federais da Lei do Audiovisual⁹. Produzida no formato de mini-documentários, pela Fabrika Filmes, já foi ao ar em três temporadas anuais pela TV Globo Brasília. A primeira, de novembro a dezembro de 2015; a segunda, durante o mesmo período de 2016; e, a terceira, de outubro a dezembro de 2017. Todas com sete episódios temáticos de 15 minutos e veiculação aos sábados, às 14h.

Distrito Cultural se estrutura a partir de *offs*¹⁰, passagens¹¹ e entrevistas feitas pela apresentadora Marcia Zarur. Além de testemunhar a própria relação com Brasília, Zarur também intermedeia as histórias dos demais personagens com a cidade. A sofisticação de imagens, trilhas sonoras e recursos de edição compõem a linguagem da série. Ângulos não convencionais são adotados para apresentar a capital por meio de tomadas aéreas, câmeras¹²

⁹ Lei nº 8.685, de 20 de julho de 1993. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8685.htm>. Acesso em: 05 out. 2017.

¹⁰ Textos gravados pela apresentadora e cobertos com as imagens das reportagens (BARBEIRO; LIMA, 2002).

¹¹ Momentos em que a apresentadora aparece nas matérias para destacar informações (ibid.).

¹² São os movimentos de câmera que garantem dinamismo à edição. Na panorâmica, a câmera se movimenta na horizontal ou na vertical, em seu próprio eixo. Com a câmera na mão, o cinegrafista pode

panorâmicas, na mão e em *travellings*. Nas vinhetas de cada episódio, edições em *fast* (aceleradas), espelhamento e fusões de cenas mostram uma Brasília dinâmica, ritmada com silhuetas de ruas e monumentos que refletem o rosto de seus moradores.

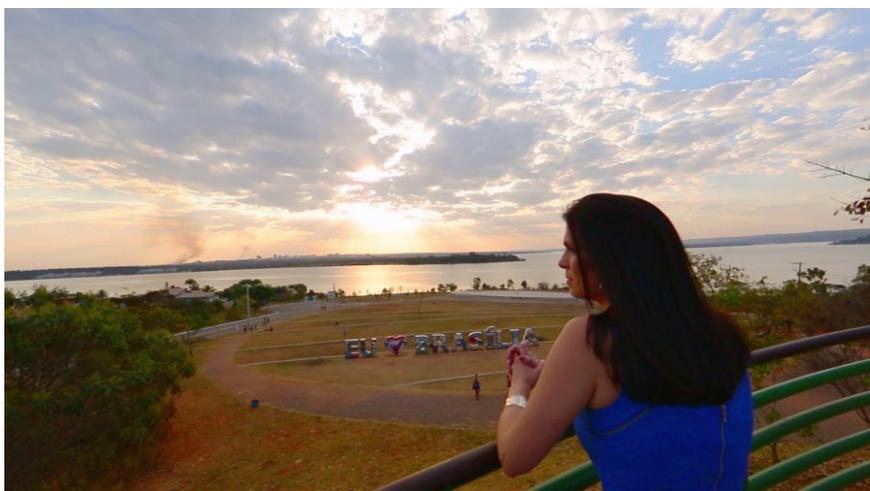


Figura 4: Distrito Cultural estimula saudosismo e afeto à cidade por meio de textos poéticos da apresentadora, trilha sonora emotiva e imagens elaboradas.

Fonte: <https://globoplay.globo.com/v/4636435/programa>. Acesso em 10 dez. 2016.



Figura 5: Imagens aéreas na série valorizam dinamicidade e urbanismo de Brasília.

Fonte: <https://globoplay.globo.com/v/4623275/programa>. Acesso em 10 dez. 2016.

caminhar e acompanhar as cenas com agilidade e intimidade. No *travelling*, a câmera se desloca lateralmente sobre trilhos (MASCCELLI, 2010).



Figura 6: Trecho de vinheta incorpora monumento arquitetônico ao perfil do cineasta Vladimir Carvalho.
Fonte: <https://globoplay.globo.com/v/4670354/programa>. Acesso em 10 dez. 2016.

Revista e série perpassam, portanto, o atual processo de amadurecimento de Brasília por meio de protagonistas de uma cultura local que estaria em formação. Isso, entremeando interdiscursos¹³ com as memórias da Brasília projetada, construída e tombada. Pois, conforme afirma Milton Santos (1997, p. 10), “o momento passado está morto como “tempo”, não porém como “espaço”; [...] uma vez que está sempre aqui e participa da vida atual como forma indispensável à realização social”, assim, o espaço, na condição de objetos geográficos, seria resultado da acumulação desigual de tempos.

3. Perspectivas mediadas sobre a capital

Traços e Distrito Cultural estabelecem diálogo permanente com as bagagens histórica e conceitual de Brasília. Exploram, por meio de sucessivas imagens, referências simbólicas de monumentos, edificações, vias, azulejos, cobogós, placas de sinalização, áreas verdes e até o céu da cidade. São camadas de acontecimentos e de personagens que se acumulam na urbe-cenário da revista e da série. Assim, torna-se impossível olhar para a capital e ignorar a conjuntura tempo-espacial que a envolve. “Saber que não há neutralidade nem mesmo no uso mais aparentemente cotidiano dos signos. A entrada no simbólico é irremediável e

¹³ Segundo Orlandi (2005), a memória é tratada como interdiscurso. Ou seja, o que já foi falado antes, por outros meios e sujeitos, em outros lugares e contextos constitui a base do dizível e significa, pela história e pela língua, nas palavras de outros sujeitos. Essa é a noção de memória discursiva, pela qual “formulações feitas e já esquecidas [...] determinam o que dizemos” (ORLANDI, 2005, p. 33).

permanente: estamos comprometidos com os sentidos e o político. Não temos como não interpretar” (ORLANDI, 2005, p.9).

Na primeira edição da revista, por exemplo, o ensaio fotográfico aéreo Brasília Vista do Céu, de Bento Viana, registra as esculturas arquitetônicas da Torre de TV, do Teatro Nacional Claudio Santoro e da Catedral Metropolitana Nossa Senhora Aparecida, sob o sol dourado do amanhecer e com a iluminação artificial da noite. Como se a perspectiva do olhar divino contemplasse as luzes sobre o Eixo Rodoviário, o Lago Paranoá e a Esplanada dos Ministérios, Traços insiste, pela afirmação de Viana, que “fotografar é transformar sentimentos em imagens” (LEMGRUBER, 2015, p. 38). Na tentativa de “mostrar ao mundo uma Brasília diferente e ainda não vista” (LEMGRUBER, 2015, p. 38), e de despertar, nos brasilienses que a compartilham, o orgulho de habitar uma cidade entremeada de verde, concreto, amplitudes e aconchegos.



Figura 7: Glamourização da cidade destaca área nobre do Plano Piloto.

Fonte: Traços nº 1, p. 40-41. Fotos: Bento Viana.

É também do alto que Distrito Cultural apresenta a cidade no primeiro episódio da primeira temporada. Os monumentos da mesma Esplanada dos Ministérios são pano de fundo inconfundível para dizer que, apesar do trânsito caótico – característica de qualquer metrópole brasileira –, “aquela” é Brasília. Na narrativa, cujas imagens migram de filas de carro nos Eixos e Tesourinhas, para uma multidão de pessoas caminhando na Rodoviária do Plano Piloto, o texto, que começa em *off* e continua em passagem da apresentadora, afirma:



DOI: 10.20396/urbana.v10i3.8651542

Brasília é mais do que um imenso avião ou do que o centro do poder. Brasília é muito mais do que tudo que já foi dito sobre ela. São quase três milhões de habitantes, milhões de histórias que formam uma identidade: o jeito candango de ser. (DISTRITO, 2015a)

Concebida sob a égide da arquitetura moderna, Brasília é apontada por críticos como expressão da descontextualização, da desfamiliarização e da des-historização “de valores públicos e privados” característicos dos demais centros urbanos (HOLSTON, 2004, p. 166). Em 1964, nos primeiros anos da capital, Clarice Lispector descreveu (LISPECTOR, 1999) Brasília como artificial: “Brasília ainda não tem o homem de Brasília”, que a cidade seria “uma prisão ao ar livre”. Cinquenta anos depois, em entrevista (WALDSTEIN, 2014) ao *The New York Times*, o planejador de transporte urbano Patrick Gough declarou em visita à Capital Federal: “*I feel bad for the people who live here and are so isolated from one another*”. Classificações como essas perduram décadas na literatura, na imprensa nacional e internacional, postulando estereótipos de uma cidade burocrática, fria, sem identidade própria e apartada de qualquer vitalidade e virtude longe das cúpulas palacianas.

Segundo André Noblat (2016), editor-chefe da revista *Traços*, a missão editorial da publicação é “fazer com que Brasília se reconheça culturalmente. A gente procura, de forma muito criativa, mostrar a cidade que existe e a maioria das pessoas não veem”. Já no caso da série, Marcia Zarur¹⁴, apresentadora e idealizadora da Distrito Cultural, afirma que a produção se dedica a mostrar a identidade brasiliense “além da questão do projeto urbanístico, da arquitetura, enfim, em todos esses aspectos [...] tem isso da gente ainda precisar provar: “Não, a gente tem história, sim”; “Não, a gente tem cara, sim”; “Não, a gente tem sotaque, sim”. *Traços* e Distrito Cultural tomam, portanto, a arte e as manifestações culturais populares como subterfúgios para caminhar no sentido contrário de afirmações negativistas que rotulam a cidade. E, mais que isso, revista e série sugerem, em vários discursos, a elevação da cultura local à condição de redentora/apaziguadora de distúrbios urbanos como violência e segregação social. É como se, indiretamente, afirmassem: “sim, existem problemas no DF. Mas estão sendo superados/transformados pelo talento e pela espontaneidade dos brasilienses”.

É essa concepção que se destaca, por exemplo, na reportagem *Ocupações*, que abre a primeira edição da *Traços* como um desabafo de alívio: “Brasília finalmente tomada, com arte e cultura, pelas pessoas que vivem a cidade” (REZENDE JUNIOR, 2015, p. 8). Em 10 páginas, ilustradas pelos fotógrafos Bento Viana e Thaís Mallon, José Rezende Jr. discorre sobre projetos colaborativos – Feira Livre, Festa de Ocupação Dinâmica de Área Pública, Forró Pé de

¹⁴ Em entrevista a mim concedida em 05/01/17.

Passagem, Rock na Ciclovía e Ocupação Cultural Mercado Sul Vive – que, ao invés de galerias, teatros e casas de shows, animam ruas e espaços públicos do Plano Piloto e Regiões Administrativas (RAs).

Segundo a matéria, feiras de artesanato, apresentações musicais, instalações, performances e saraus realizados, espontaneamente, por produtores culturais e artistas brasilienses, com participação massiva do público, comprovariam que, no DF, as pessoas se relacionam entre si e com a própria cidade, para além da clausura em carros e habitações.



Figura 8: Projeto dominical Feira Livre, realizado eventualmente no Eixão.

Fonte: Traços nº 1, p. 10-11. Fotos: Bento Viana.

A opinião do outro¹⁵ que associa Brasília à falta de calor humano é o mote para a narrativa que se desdobra. Ao citar dois estadunidenses que se dizem espantados com o isolamento social na cidade, Rezende Jr. (2015, p. 8) repreende: “À primeira vista, ao olhar estrangeiro, Brasília lembra um arquipélago de solidão e concreto. Incrustadas em automóveis e autarquias, as pessoas são ilhas. Pura ilusão de ótica”. Logo à frente, por meio da brasiliense Nina Puglia, idealizadora de um dos movimentos de ocupação cultural do DF, a mesma afirmação do isolamento é retomada. Desta vez, porém, a fala é legitimada (na boca de uma local) para justificar que “o duro despertar para a realidade brasiliense: espaços públicos

¹⁵Entendido aqui como aquele que não nasceu ou não mora em Brasília.



DOI: 10.20396/urbana.v10i3.8651542

vazios, pessoas enclausuradas em blocos de apartamentos, a lei do silêncio reprimindo” teriam servido para “levar a arte para as ruas. Despertar o sentido de coletividade [...] uma forma de exercer a cidadania e de viver a cidade” ([REZENDE JUNIOR](#), 2015, p. 12).

Esqueça a cidade meio monumento/meio repartição pública. Imagine que Brasília é uma cidade comum, daquelas em que você anda a pé, sem rumo e sem pressa, esbarra em gente de todas as idades, reencontra e faz novos amigos, senta na grama para ouvir música de graça ao lado do vizinho que nunca viu na vida. O avesso da cidade que tanto desencantou os dois gringos que abrem este texto. ([REZENDE JUNIOR](#), 2015, p. 10)

Ou seja, o texto do repórter evoca, nas entrelinhas, legados do padrão modernista (tamanho e densidade populacional limitados, zoneamento funcional, separação da circulação de veículos e pedestres, eliminação da rua-corredor, edificações dispostas entre ampla vegetação e abertura ao sol) que teriam tornado Brasília uma cidade “incomum”, diferente das referências dos demais centros urbanos. Mas, por meio da cultura, a capital estaria tendo a chance de se aproximar da vivência das cidades consideradas “normais”, onde se pode caminhar, esbarrar em outras pessoas, fazer amizades facilmente e usufruir de espaços públicos sem estar sob quatro rodas.

Conforme a matéria, por meio da arte, a cidadania também estaria chegando às RAs. Obras e programas estatais continuariam escassos na periferia, mas, com ações culturais autônomas – Movimento Cultural Supernova, Reggae na Praça, São Samba, Poesia de Quinta, Sarau Complexo, ArtSam, Picnic Literário e Livro Lido, Livro Livre – as “quebradas” estariam tendo acesso a direitos fundamentais antes a elas privados:

Lembra quando as populações das outrora cidades-satélites – hoje chamadas de “regiões administrativas” pelo governo e de “quebradas” pelo povo – viviam apartadas da vida cultural do Plano Piloto, porque os ingressos para show, cinema e teatro era muito caros e os ônibus desapareciam como num passe de mágica quando dava meia-noite? Pois é. Continua igual, só que pior, por causa do aumento da passagem. A boa notícia é que a quebrada já não precisa ir ao Plano Piloto para exercer o direito à cultura. ([REZENDE JUNIOR](#), 2015, p. 15)

Na Traços nº 4, a matéria *Made In Aqui* afirma que o “empreendedorismo criativo mostra que existe vida além do concurso e ajuda a consolidar identidade cultural do DF” ([REZENDE JUNIOR](#), 2016a, p. 9). Dois fatores seriam responsáveis pela efervescência de artistas-empreendedores que, nos últimos anos se multiplicaram em Brasília: amor à cidade e confiança na viabilidade de carreiras à parte do funcionalismo público. Além disso, Brasília estaria “na moda”, tendência explicitada na aplicação de elementos que remetem a signos e



DOI: 10.20396/urbana.v10i3.8651542

personagens locais nos mais variados produtos: “De imãs de geladeira a móveis autorais, passando por camisetas, vestidos, cangas, anéis, brincos, pulseiras, guarda-chuvas, cartões postais...”(REZENDE JUNIOR, 2016a, p. 9).

Mais uma vez, rótulos limitadores (cidade burocrática, segregadora e sem identidade) estariam em xeque, de acordo com a Traços. A capacidade associativa dos brasilienses, segundo a reportagem, mostra-se capaz de reunir produtores autônomos, jovens, ousados, talentosos e que pensam “fora da caixa”, em novos formatos de negócios – Picnik, Liga-Pontos, Feira Livre, 4zero5, Coisa de Preto, BSB Tudo, Limonada, Cria Brasília, Natural de Brasília, Cobogó, Endossa, Square –, cujo mote principal é a própria cidade. Ou seja, singularidades arquitetônicas e urbanísticas que, se por um lado geram estranhamentos e tornam a capital um lugar “incomum”, também são fontes de inspiração e de orgulho para os habitantes que “vestem” a cidade em roupas e usam-na em acessórios decorativos. Comprar esses produtos seria “[...] uma ode aos brasilienses nascidos aqui e aos que se consideram brasilienses de coração. Um selo de pertencimento, mais do que simplesmente *made in Brasília*” (REZENDE JUNIOR, 2016a, p. 13), afirma a idealizadora de um dos projetos.



DOI: 10.20396/urbana.v10i3.8651542

artísticas tornaria “a cidade mais das pessoas” ([LACERDA](#), 2016, p. 12). Dessa forma, a lógica passa a ser que:

Naquele concreto caberia um poema, naquele tapume uma pintura. As paredes cinzas passam a ser vistas não pela função de privar o acesso, mas pelo potencial poético de incluir discursos que escapam da publicidade e da política engravatada.

Essa transformação no olhar e na forma de fluir a cidade pode partir de uma epifania individual, mas ecoa pelas praças e pessoas, nos fazendo perceber que somos muitos, e que mesmo distantes partilhamos a experiência disso que é estar vivo hoje. ([NOVAES](#), 2015, p.190)

A série Distrito Cultural, por sua vez, destaca o senso brasileiro de coletividade por meio do Mestre Fio e da Bateria Furiosa, no primeiro episódio da primeira temporada. Com mais de 80 integrantes, entre homens e mulheres de diferentes idades, a Furiosa dá show de ritmo e sincronia em meio a cuícas, surdos e tamborins, nas manhãs de domingo, no Parque da Cidade. Mestre Fio, regente do grupo, de segunda a sexta-feira é Marcelo de Castro, servidor público do Senado Federal, com direito a crachá no peito. Mas, “na Brasília de mil faces, as pessoas são sempre muito mais do que parecem” ([DISTRITO](#), 2015a), narra, em *off*, a apresentadora Marcia Zarur. E, assim, o burocrata de carreira se revela agitador cultural e agregador de amantes do samba, na capital.

Cada um deve procurar por sua “tribo” na cidade, segundo Pedro Pessato, entrevistado ao lado de amigos também músicos da bateria do curso de Administração da Universidade de Brasília. Esse seria, de acordo com o estudante, o caminho para superar a impressão de que a capital é fria, monótona e habitada por pessoas pouco afeitas a relacionamentos. Contraditoriamente, porém, Pedro afirma, na sequência, que não conhece nem mesmo os vizinhos que, há dois anos, moram na porta ao lado da sua.



Figura 10: Bateria Furiosa ensaia no Parque da Cidade: prova de que há ritmo e relacionamento no DF.

Fonte: <https://globoplay.globo.com/v/4623275/programa>. Acesso em 10 dez. 2016.

Fazer amigos, praticar atividade física e se divertir ao ar livre seriam outras possibilidades a que a cidade convidaria seus moradores, de acordo com o episódio Brasília em Movimento, exibido originalmente na TV em 21/11/2015. “Talvez seja pela amplitude dos espaços ou pela imensa vontade de ficar debaixo desse céu infinito que cobre Brasília. O fato é que a cidade chama para a vida ao ar livre e é aí que o espaço público realmente mostra porque existe: para ser ocupado” (DISTRITO... 2015b).

É, então, que a Esplanada dos Ministérios, referência da escala monumental de Brasília, ganha nova funcionalidade que não concentrar os principais órgãos do poder político nacional: torna-se campo de críquete para a equipe formada por brasilienses, paulistas, mineiros, gaúchos, goianos, cariocas, paquistaneses, indianos e cingaleses. E das pistas de São Sebastião às bordas e escadarias do Conic e do Museu Nacional, a arquitetura de Brasília se revela favorável também aos malabarismos de skatistas.



Figura 11: Gramado da Esplanada dá lugar a jogos de críquete aos finais de semana.
Fonte: <https://globoplay.globo.com/v/4623275/programa>. Acesso em 10 dez. 2016.

No terceiro episódio da primeira temporada, Distrito Cultural revela perfis de Brasília que transitariam De Athos Bulcão aos Puxadinhos. Pinturas, mosaicos, painéis e azulejos do artista plástico, espalhados por prédios públicos, igrejas, hotéis, escolas, hospitais, aeroporto, parque, clubes, centros culturais, blocos residenciais e até residências particulares tornaram-se referências visuais da capital. Mas a produção televisiva mostra também outros artistas marginais que espalham suas obras fora de galerias: os grafiteiros. Segundo Daniel Toys, por mais que cada observador intérprete o grafite à sua maneira, quando inseridas nos percursos cotidianos, as obras estariam disponíveis para todo mundo. Assim, "A Brasília dos cartões-postais mistura em suas formas e cores a delicadeza dos azulejos com a brancura dos grandes prédios e monumentos. Mas existe outra Brasília fora das rotas turísticas, dentro das partes mais pulsantes da cidade onde o branco ganha cor" (DISTRITO...2015c), pelas inserções de desenhos e inscrições dos grafites.



Figura 12: Daniel Toys grafita na W3. Composições urbanas colore a cidade.
Fonte: <https://globoplay.globo.com/v/4655137/programa>. Acesso em 10 dez. 2016.

Há ainda uma cidade que se colore com a floração dos ipês nos meses de seca e cuja vivência sensorial convida a passeios a pé ou de bicicleta pelo Eixo Rodoviário, num dia de domingo, como propõe uma das programações do projeto Experimente Brasília. Guiada pelo poeta e amante da botânica Nicolas Behr, a *flânerie* poética percorre a história da capital a partir das espécies de árvores do cerrado, como também mostra o terceiro episódio da série. Assim, a Distrito Cultural insiste no conceito da existência de múltiplas Brasília. Cada uma delas estaria disponível às formas e aos usos que conviessem aos seus moradores atribuir.



Figura 13: Projeto Experimente Brasília oferece diferentes formas de passeio pela capital.
Fonte: <https://globoplay.globo.com/v/4655137/programa>. Acesso em 10 dez. 2016.



DOI: 10.20396/urbana.v10i3.8651542

4. Considerações Finais

Como demonstrado na Análise do Discurso deste recorte de matérias da Traços e de cenas da Distrito Cultural, percebe-se que, pelos dois veículos jornalísticos, a resposta para a pergunta inicial (estaria Brasília se estabelecendo como produto de muitos construtores?) é positiva. Expressões do relacionamento dos brasilienses com o lugar onde habitam e as diferentes linguagens de composições urbanas modificariam Brasília nos detalhes.

Com a proximidade dos 60 anos de fundação, cidade e moradores enfrentam, porém, o desafio da permeabilidade mútua (CASTRO, 2006). Ou seja, a urbe deve estar aberta a influências e ao acolhimento, mas, ao mesmo tempo, condicionar os sujeitos, “sem perder a própria memória, tem que preservar o patrimônio comum e criar um universo simbólico compartilhado que sirva como base de coexistência de seus habitantes” (CASTRO, 2006, p. 20-21). Haja vista seu legado histórico e a proteção de seu conjunto urbanístico como maior¹⁶ área urbana preservada do mundo (REIS, 2017).

Ao lançarem seus olhares para a capital quinquagenária, revista e série escolhem observá-la pelas lentes das manifestações culturais e das produções artísticas locais. Tomam-nas como elementos agregadores, como fatores de inflexão para práticas de vivências urbanas espontâneas. Mas distanciam-se dos critérios de imparcialidade e isenção. Ao adotarem a vertente editorial de humanizar a cidade por meio do noticiário, personalizam e personificam também a forma de conceber as coberturas que realizam. Redatores da publicação e apresentadora da série são, antes de mais nada, brasilienses em defesa da capital. Por isso, tornam-os produtos autorais, sem a preocupação do factual e de dar voz “ao outro lado”. Atuam no espírito dos documentários: assumem um ponto de vista, um lado, defendem uma causa. Paladinos por uma Brasília ressignificada, acabam rotulando-a num embate de forças contra outras imagens preconcebidas que julgam incondizentes.

O que a descrição, por vezes, minuciosa, de matérias e cenas tentou mostrar, no percurso deste artigo, portanto, foi a complexidade que há por trás das histórias publicadas e exibidas. Ou seja, que personagens e jornalistas revelam-se envolvidos em interdiscursos carregados de necessidade de autoafirmação e acolhimento. É dessa convulsão psicológica que irrompem as tentativas de desconstrução dos limitadores estereótipos de Brasília “fria” e “corrupta”.

¹⁶ “O território do conjunto tombado constitui um polígono de 112,25 km²” (REIS, 2017, p. 127). Brasília é patrimônio preservado em três instâncias de reconhecimento: Patrimônio Cultural da Humanidade, pela UNESCO, em 1987. Patrimônio Histórico Nacional, pelo IPHAN, em 1990 (Portaria nº4 do SPHAN, 14/03/90). E bem cultural regulamentado, pelo GDF, em 1987 (Decreto nº 10.829/87).



DOI: 10.20396/urbana.v10i3.8651542

Ao optarem, majoritariamente, pela plástica da cidade, Traços e Distrito Cultural perdem, contudo, oportunidades de aprofundar reflexões mais elaboradas a respeito de aspectos correlatos. Ou, contraditoriamente, exercem tais críticas às avessas. É o que acontece com ambas, por exemplo, quando exibem a fachada do Teatro Nacional. O relevo das formas geométricas singulariza a estética brasiliense, mas o prédio está fechado desde 2014. Ou seja, na tentativa de desconstruir estereótipos, revista e série acabam utilizando-se dos mesmos elementos controversos que alimentam, na opinião pública, julgamentos negativos sobre a cidade.

Insistem, portanto, em explorar a singularidade de curvas, retas, monumentos, vazios e paredes brancas que a paisagem brasiliense dispõe, como convite ao contraste plástico de corpos em movimento. Na cidade traçada pelo arquiteto, depois, erguida por pioneiros e candangos, revista e série reforçam que, agora, são os moradores que cumprem o papel de reinventá-la na dinâmica cotidiana do habitar. Numa lógica de apropriação e humanização do lugar, como recusa ao autoritarismo imposto na concepção da capital. É o que Behr (2009, p. 74) ironiza: “assim nós queremos viver, / nós dissemos / assim nós queremos que vocês vivam, / disse o arquiteto”.

Nas entrelinhas, a idéia que revista e série tentam vender é que o tecido urbano sensorialmente percebido, “Apreciado, visto, tocado, cheirado, adentrado, consciente ou inconscientemente é uma representação tangível daquela coisa intangível, a sociedade que ali vive – e suas aspirações” (RYKWERT, 2004, p. 7).

Por fim, há de se reconhecer, no panorama histórico da capital, a relevância dos registros que Traços e Distrito Cultural realizam. Ambos produtos jornalísticos apresentam-se, portanto, como objetos de estudo ainda a serem explorados por diferentes vertentes de pesquisas vindouras.

Referências

- AZAMBUJA, Diego (2015). **O que pode um corpo?** Grupo Corpos Informáticos relaciona arte e espaços urbanos. *Tubo de Ensaio: Revista do Projeto Experimental de Arte e Performance*, Brasília, v. 1, n. 1, p.19-19.
- BARBEIRO, Heródoto; LIMA, Paulo Rodolfo de (2002). **Manual de Telejornalismo: Os segredos da notícia na TV**. Rio de Janeiro: Campus.
- BEHR, Nicolas (2009). **La Brasília**. Brasília: Ed. Do Autor.
- BICCA, Paulo (2012). **Brasília: mitos e realidades**. XAVIER, Alberto (Org.). Brasília: antologia crítica. São Paulo: Cosac Naify..



DOI: 10.20396/urbana.v10i3.8651542

- CAMPOS, Evelin. **Conforto e acessibilidade na Rodoviária do Plano Piloto**. 2012. Disponível em: <https://www.agenciabrasilia.df.gov.br/2012/10/18/conforto-e-acessibilidade-na-rodoviaria-do-plano-piloto>. Acesso em: 14 jul. 2017.
- CASTRO, Celia Romea (2006). **As cidades literárias e a recriação comunicativa dos espaços urbanos**. PRYSTHON, Angela (Org.). *Imagens da cidade: espaços urbanos na comunicação e cultura contemporâneas*. Porto Alegre: Sulina.
- DANTAS, Daniela (2015). **Uma cultura candanga em (trans)formação**. ARAUJO, Jackson; PREDABON, Luca (Org.). **Retrato Brasília: Cartografia Cultural e Estética**. Brasília.
- DISTRITO Cultural: **As mil faces de Brasília** (2015a). Brasília: Fabrika Filmes. (15 min.), son., color. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/4623275/programa>. Acesso em: 10 dez. 2016.
- DISTRITO Cultural: **Brasília em movimento** (2015b). Brasília: Fabrika Filmes. (15 min.), son., color. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/4623275/programa/>. Acesso em: 10 dez. 2016.
- DISTRITO Cultural: **A cidade e seus sons** (2015c). Brasília: Fabrika Filmes. (15 min.), son., color. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/4636435/programa/>. Acesso em: 10 dez. 2016.
- DISTRITO Cultural: **De Athos Bulcão aos puxadinhos** (2015d). Brasília: Fabrika Filmes. (15 min.), son., color. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/4655137/programa/>. Acesso em: 10 dez. 2016.
- DISTRITO Cultural: **Imagens** (2015e). Brasília: Fabrika Filmes. (15 min.), son., color. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/4670354/programa/>. Acesso em: 10 dez. 2016.
- FONSECA, Fernando (2010). **Beirute: bar que inventamos**. 2. ed. Brasília: Editora.
- HALL, Stuart (2016). **Cultura e representação**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: Apicuri.
- HOLSTON, James (2004). **O espírito de Brasília: modernidade como experimento e risco**.
- NOBRE, Ana Luiza et al. *Um modo de ser moderno: Lucio Costa e a crítica contemporânea*. São Paulo: Cosac & Naify.
- LACERDA, Marcus V. F (2016). **O muro é a mensagem: As paredes da cidade pintadas de versos abertos para todos**. *Traços, Brasília*, n. 5, p.8-17, mar. 2016. Mensal.
- LEMGRUBER, Marcela (2015). **Instantes**. *Traços, Brasília*, n. 1.
- LISPECTOR, Clarice (1999). **Para não esquecer: crônicas**. Rocco.



DOI: 10.20396/urbana.v10i3.8651542

- LYNCH, Kevin (1997). **A imagem da cidade**. São Paulo: Martins Fontes.
- MARTIN-BARBERO, Jesús (2007). **Novas sensibilidades políticas da cidade e visualidades narrativas da violência**. Revista Matrizes. ECA/USP, São Paulo.
- MASCELLI, Joseph V (2010). **Os cinco Cs da cinematografia: técnicas de filmagem**. São Paulo: Summus Editorial.
- MEDEIROS, Ana Elisabete; CAMPOS, Neio (2010). **Cidade projetada, construída, tombada e vivenciada: pensando o planejamento urbano em Brasília**. In: PAVIANI, Aldo et al (Org.). Brasília 50 anos: da capital a metrópole. Brasília: Editora UnB.
- NOBLAT, André. **Tirando de Letra**: Revista Traços (entrevista), Tirando de Letra, 2016.
- NOVAES, Cauê (2015). **O outro dos outros pode ser você**. In: ARAUJO, Jackson; PREDABON, Luca (Org.). Retrato Brasília: Cartografia Cultural e Estética. Brasília: s.n., 2015
- ORLANDI, Eni P (2005). **Análise do discurso: princípios e procedimentos**. 6ª ed. Campinas, SP: Fontes.
- PIZA, Daniel (2009). **Jornalismo Cultural**. 3.ed. São Paulo: Contexto.
- PORTO, Bruno; LOBO JÚNIOR, Marco Aurélio; CRUZEIRO, Victor (2017). **Revista Traços**. In: BIENAL BRASILEIRA DE DESIGN GRÁFICO, 12, 2017, Brasília. Catálogo... . São Paulo: Blucher. Disponível em: <http://bienaladg.org.br/selecionados/revista-tracos>. Acesso em: 06 out. 2017.
- REIS, Carlos Madison (2017). **Conjunto urbanístico de Brasília: da preservação e outros demônios**. In: IPHAN DF, Superintendência. Patrimônio em transformação: atualidades e permanências na preservação de bens culturais em Brasília. Brasília: IPHAN DF.
- REZENDE JUNIOR, José (2015). **Ocupações: Brasília finalmente tomada, com arte e cultura, pelas pessoas que vivem a cidade**. Traços, Brasília.
- REZENDE JUNIOR, José (2016a). **Made in aqui: Empreendedorismo criativo mostra que existe vida além do concurso e ajuda a consolidar identidade cultural do DF**. Traços, Brasília.
- REZENDE JUNIOR, José (2016b). **Os nomes além dos números**. Traços, Brasília.
- RIBEIRO, Gustavo Lins (2010). **A capital pós-imperial**. In: CATALDO, Beth et al (Org.). Brasília aos 50 anos: que cidade é essa?. Brasília: Tema Editorial.
- ROZENDO, Suzana (2011). **Street Papers, que tipo de jornalismo é esse?** In: CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO SUL, 12, 2011, Londrina. Anais. Londrina: Intercom, 2011. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sul2011/resumos/R25-0428-1.pdf>. Acesso em: 23 out. 2017.
- RYKWERT, Joseph (2004). **A sedução do lugar: A história e o futuro da cidade**. São Paulo: Martins Fontes.



DOI: 10.20396/urbana.v10i3.8651542

- SÁ, Sérgio (2010). **50 modos de armar uma identidade**. In: CATALDO, Beth et al (Org.). Brasília aos 50 anos: que cidade é essa?. Brasília: Tema Editorial.
- SANTOS, Milton (1997). **Pensando o espaço do homem**. 4.ed. São Paulo: Hucitec.
- TEMER, Ana Carolina R.P.; NERY, Vanda C.A (2004). **Para entender as Teorias da Comunicação**. Uberlândia: Aspectus.
- Tirando de Letra: **Revista Traços (2016)**. Brasília: UnBTV. (33 min.), son., color. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=zJ9vZuFs9wY>. Acesso em: 27 jun. 2016.
- WALDSTEIN, David (2014). **Brasília, a Capital City That's a Place Apart**. The New York Times. New York. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2014/06/23/sports/worldcup/world-cup-2014-brasilia-a-distinctly-urban-brazilian-city.html>. Acesso em: 28 jun. 2017.
- WOLF, Mauro (2008). **Teorias das comunicações de massa**. 3.ed. São Paulo: Martins Fontes.